



Desinformação em Saúde nas Redes Sociais: Desafios para a Saúde Coletiva

Gislenny Vidal ¹, Lindemberg da Silva Maia ², Thyago Leite Ramos ³, Adriana Carvalho de Oliveira ⁴, Myrelly Kethlen da Silva Soares ⁵, Maria Cleudenir Costa Bento ⁶, Ana Cláudia Moreira Santana ⁷, Pedro Paulo Martins de Lira ⁸, Oriana Márcia Tabosa Araújo ⁹, Claudia Jemima Passos Pinto ¹⁰



<https://doi.org/10.36557/2009-3578.2025v11n2p2119-2129>

Artigo recebido em 24 de Julho e publicado em 4 de Setembro de 2025

Revisão de Literatura

RESUMO

A desinformação em saúde disseminada pelas redes sociais constitui um dos maiores desafios contemporâneos para a saúde coletiva, uma vez que interfere diretamente na tomada de decisões individuais, compromete a confiança social nas instituições e reduz a efetividade das políticas públicas. Esse fenômeno é potencializado pela rapidez com que informações são compartilhadas, pelo funcionamento dos algoritmos de engajamento e pela baixa regulação das plataformas digitais, criando um ambiente propício para a circulação de conteúdos falsos ou enganosos. O objetivo deste estudo foi analisar os impactos da desinformação sobre práticas de saúde e discutir estratégias de enfrentamento que articulem comunicação científica, educação em saúde e mecanismos de regulação digital. Para tanto, foi realizada uma revisão narrativa da literatura em bases nacionais e internacionais, priorizando publicações recentes que abordassem os mecanismos de propagação, os fatores de vulnerabilidade e as consequências da desinformação no campo da saúde. Os resultados demonstraram que a exposição a informações falsas está associada à hesitação vacinal, ao uso de terapias não comprovadas e à adoção de condutas prejudiciais, além de alimentar estigmas relacionados a doenças como câncer e transtornos mentais. Verificou-se também que fatores sociodemográficos, níveis de literacia em saúde e características psicológicas individuais influenciam a suscetibilidade à desinformação, destacando a complexidade e a heterogeneidade do fenômeno. A discussão evidenciou ainda a ambivalência das redes sociais, que, ao mesmo tempo em que funcionam como vetores de desinformação, podem ser utilizadas de maneira estratégica como ferramentas de promoção em saúde. Conclui-se que enfrentar a infodemia requer respostas coordenadas e multissetoriais, que combinem campanhas educativas, fortalecimento da



literacia em saúde, comunicação científica acessível e a responsabilização das plataformas digitais, a fim de reduzir os riscos associados à circulação de informações falsas e assegurar condições mais equitativas para a promoção da saúde coletiva.

Palavras-chave: desinformação; redes sociais; saúde coletiva; políticas públicas; literacia em saúde.

Health Misinformation on Social Media: Challenges for Public Health

ABSTRACT

Health misinformation disseminated through social media has become one of the greatest contemporary challenges for public health, as it directly affects individual decision-making, undermines public trust in institutions, and reduces the effectiveness of health policies. This phenomenon is intensified by the speed at which information is shared, the logic of engagement-based algorithms, and the lack of effective regulation of digital platforms, creating a favorable environment for the circulation of false or misleading content. The aim of this study was to analyze the impacts of misinformation on health practices and to discuss coping strategies that combine scientific communication, health education, and digital regulation mechanisms. A narrative literature review was conducted in national and international databases, prioritizing recent publications addressing the mechanisms of propagation, vulnerability factors, and consequences of health misinformation. The results showed that exposure to false information is associated with vaccine hesitancy, the use of unproven therapies, and the adoption of harmful practices, in addition to reinforcing stigma related to diseases such as cancer and mental disorders. It was also observed that sociodemographic factors, health literacy levels, and individual psychological characteristics influence susceptibility to misinformation, highlighting the complexity and heterogeneity of the phenomenon. The discussion also revealed the ambivalence of social media, which, while serving as a vector of misinformation, can also be strategically used as a tool for health promotion. It is concluded that tackling the infodemic requires coordinated and multisectoral responses, combining educational campaigns, strengthening health literacy, accessible scientific communication, and the accountability of digital platforms, in order to reduce the risks associated with the spread of false information and ensure more equitable conditions for the promotion of collective health.

Keywords: misinformation; social media; public health; health policies; health literacy.



Instituição afiliada – ¹ Graduada em Enfermagem pelo Centro Universitário do Espírito Santo - Unesc. Especialista em Epidemiologia e Serviços de Saúde pela Universidade Federal do Espírito Santo; ² Psicólogo e Mestrando em Saúde da Família pela UNILAB; ³ Enfermeiro pela Universidade Federal do Maranhão; ⁴ Médica - Clínica Médica pelo Hospital Marques Bastos (SPMIP) e Titular em Medicina da Família; ⁵ Nutricionista - Residência em Saúde da Família e Comunidade - ESP/CE; ⁶ Enfermeira Pelo Centro Universitário Estácio do Ceará e especialista em APS pela ESP-CE; ⁷ Enfermeira pela UFCG e Especialista em Docência na Educação Profissional, Científica e Tecnologia pelo IFCE; ⁸ Psicólogo, Mestrando em psicologia pela Universidade Católica de Brasília; ⁹ Pós - graduada em Saúde Mental com Ênfase em Psicanálise pela Faculdade José Lacerda Filho de Ciências Aplicadas – FAJOLCA e Pós - graduada em Psicologia do Trânsito pela Faculdade Integrada de Patos – UNIFIP e Pós - graduada em Metodologia da Pesquisa Científica. Instituto Superior de Educação de Salgueiro – ISES e Graduada em Psicologia pela Faculdade Frassinetti da Recife – FAFIRE; ¹⁰ Médica Veterinária pela Universidade Estadual de Santa Cruz

Autor correspondente: Gislleny Vidal , ggislleny.vidal@gmail.com.

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).





INTRODUÇÃO

Explicar A disseminação de desinformação em saúde por meio das redes sociais tornou-se um dos fenômenos mais preocupantes do cenário contemporâneo, configurando-se como um verdadeiro desafio para a saúde coletiva, na medida em que impacta diretamente a tomada de decisão dos indivíduos em relação a práticas de prevenção, adesão a tratamentos e comportamento em saúde, além de corroer a confiança social nas instituições responsáveis pela produção e difusão de conhecimento científico. O ambiente digital, caracterizado por fluxos informacionais intensos e pelo predomínio de algoritmos que priorizam o engajamento e a viralização de conteúdos, cria condições ideais para a circulação de informações falsas, enganosas ou distorcidas, o que contribui para a constituição de um ambiente de “infodemia” que transcende fronteiras geográficas e desafia os sistemas de saúde em escala global (Denniss et al., 2025; Gaysynsky et al., 2024).

Tal problemática se revela ainda mais aguda em contextos nos quais temas de alta sensibilidade social, como vacinação, câncer e saúde mental, são envolvidos, já que narrativas desinformativas exploram medos coletivos, crenças preexistentes e experiências negativas com o sistema de saúde, reforçando percepções equivocadas e ampliando a vulnerabilidade populacional (Loeb et al., 2024; Starvaggi et al., 2023). Esse processo é impulsionado pela rapidez com que informações são compartilhadas em plataformas como Facebook, Instagram e TikTok, mas também pela ausência de mecanismos regulatórios eficazes e pela dificuldade que grande parte dos usuários apresenta em discernir entre conteúdos confiáveis e informações manipuladas (Mo, 2024; Chandrasekaran et al., 2023).

A literatura recente enfatiza que a desinformação em saúde não é um fenômeno homogêneo, mas sim multifatorial, sendo influenciada por determinantes sociodemográficos, desigualdades econômicas, níveis de literacia em saúde e até mesmo traços de personalidade que modulam a suscetibilidade individual a narrativas enganosas (Wang et al., 2025). Além disso, estudos demonstram que a exposição a informações falsas pode gerar consequências diretas sobre comportamentos individuais e coletivos, fomentando a hesitação vacinal, o uso de terapias não comprovadas e a adoção de práticas prejudiciais, o que compromete não apenas a saúde do indivíduo, mas também a eficácia das políticas públicas de prevenção e promoção da saúde (Lalani



et al., 2023; Jafar et al., 2023).

Nesse sentido, compreender os mecanismos que sustentam a propagação da desinformação em saúde, assim como seus impactos sobre a saúde coletiva, constitui uma necessidade urgente e estratégica. Para além de iniciativas pontuais de checagem de fatos, faz-se indispensável desenvolver respostas coordenadas que integrem comunicação científica, campanhas educativas, fortalecimento da literacia em saúde e responsabilização das plataformas digitais na mitigação de conteúdos nocivos. Apenas por meio dessa articulação multissetorial será possível enfrentar de maneira efetiva os riscos impostos pela infodemia e restaurar a confiança da população em instituições, profissionais e políticas públicas voltadas à promoção da saúde (Carton-Erlandsson et al., 2025; Jafar et al., 2023).

O presente estudo tem como objetivo geral analisar de que maneira a desinformação em saúde disseminada pelas redes sociais afeta a saúde coletiva, comprometendo decisões individuais, a confiança da sociedade em instituições científicas e a eficácia das políticas públicas, ao mesmo tempo em que busca discutir estratégias de enfrentamento que articulem comunicação científica, educação em saúde e mecanismos de regulação digital. Nesse percurso, propõe-se examinar as principais formas de disseminação da desinformação e os fatores que explicam sua rápida propagação em ambientes digitais; identificar os impactos concretos desse fenômeno sobre comportamentos individuais e coletivos em áreas sensíveis como vacinação, câncer e saúde mental, bem como analisar a relação entre variáveis sociodemográficas, níveis de literacia em saúde e vulnerabilidade a informações enganosas.

Além disso, busca-se discutir os desafios enfrentados por profissionais e instituições de saúde pública diante da infodemia e, por fim, propor estratégias de enfrentamento multissetoriais que envolvam políticas públicas, campanhas digitais baseadas em evidências e a responsabilização das plataformas digitais quanto à circulação de conteúdos prejudiciais

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo desenvolvido por meio de uma revisão narrativa da



literatura, cuja finalidade consistiu em reunir e discutir criticamente publicações recentes relacionadas à disseminação de desinformação em saúde nas redes sociais e seus impactos para a saúde coletiva. Diferentemente das revisões sistemáticas, a revisão narrativa não busca exaurir todas as fontes disponíveis sobre o tema, mas sim selecionar e interpretar trabalhos considerados mais representativos e relevantes, permitindo maior amplitude interpretativa e reflexiva (Rother, 2007). Para tanto, foram consultadas bases de dados nacionais e internacionais, como PubMed, Scopus, Web of Science e Scientific Electronic Library Online (SciELO), priorizando artigos publicados entre 2023 e 2025, período em que a produção científica sobre infodemia e comunicação digital em saúde apresentou expressivo crescimento.

Os descritores utilizados para a busca foram “misinformation”, “health misinformation”, “social media”, “infodemic” e “public health”, em combinação com os operadores booleanos AND e OR, garantindo maior abrangência e precisão na recuperação das publicações. Após a etapa inicial de identificação, realizou-se a leitura crítica dos títulos e resumos, sendo incluídos apenas os artigos que apresentavam relação direta com a temática central, isto é, aqueles que abordavam os mecanismos de disseminação da desinformação, seus impactos sobre práticas de saúde e a análise de estratégias de enfrentamento em âmbito coletivo. Foram excluídos, por outro lado, os textos de opinião sem embasamento empírico e estudos duplicados nas bases consultadas.

O processo de análise seguiu três etapas interdependentes: primeiro, a sistematização das informações principais de cada estudo selecionado; em seguida, a identificação de categorias temáticas recorrentes, como “hesitação vacinal”, “tratamentos não comprovados”, “determinantes sociodemográficos” e “estratégias de enfrentamento”; e, por fim, a construção de uma síntese crítica que buscou articular as evidências encontradas à luz da saúde coletiva e da comunicação em saúde. Esse percurso metodológico possibilitou não apenas compreender a dimensão e a complexidade do fenômeno da desinformação, mas também oferecer subsídios teóricos para reflexões sobre políticas públicas e intervenções educativas, considerando o papel central das redes sociais no cenário contemporâneo.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos a partir da revisão da literatura indicam que a desinformação em saúde nas redes sociais constitui um fenômeno de alta prevalência, que exerce influência significativa tanto em comportamentos individuais quanto em dinâmicas coletivas de saúde. Evidências recentes demonstram que a exposição a informações falsas está diretamente associada à hesitação vacinal, à adesão a terapias sem comprovação científica e à adoção de práticas potencialmente prejudiciais à saúde, como dietas restritivas perigosas ou o uso de medicamentos sem respaldo clínico (Denniss et al., 2025; Lalani et al., 2023). Esse cenário revela a capacidade das redes sociais de se tornarem um canal privilegiado para a difusão de boatos médicos, sobretudo pela lógica algorítmica que privilegia conteúdos capazes de gerar maior engajamento, independentemente de sua veracidade.

Um dos achados mais relevantes refere-se à relação entre fatores sociodemográficos e a vulnerabilidade à desinformação. Estudos demonstram que variáveis como escolaridade, renda, idade e raça influenciam a suscetibilidade a informações enganosas, destacando a necessidade de políticas públicas diferenciadas e sensíveis às especificidades de cada grupo social (Chandrasekaran et al., 2023). Além disso, a literatura aponta que a literacia em saúde desempenha papel central no discernimento entre conteúdos confiáveis e desinformativos, funcionando como fator protetivo contra a adesão a práticas nocivas (Gaysynsky et al., 2024). Nesse contexto, indivíduos com menor acesso a fontes confiáveis de informação e com níveis reduzidos de alfabetização em saúde apresentam maior propensão a acreditar e compartilhar notícias falsas.

Outro resultado relevante está relacionado ao campo da saúde mental, onde a desinformação apresenta-se de maneira particularmente perigosa. Revisões recentes demonstram que narrativas falsas sobre transtornos psiquiátricos e seus tratamentos circulam amplamente em plataformas digitais, contribuindo para o estigma, para a não adesão a terapias comprovadas e até mesmo para a piora dos quadros clínicos (Starvaggi et al., 2023). De modo semelhante, na oncologia, conteúdos enganosos relacionados ao câncer têm se mostrado comuns, explorando medos da população e incentivando práticas ineficazes ou perigosas, o que pode comprometer significativamente o



prognóstico dos pacientes (Loeb et al., 2024). Esses achados sugerem que a desinformação atinge de forma desproporcional áreas médicas de alta sensibilidade social, onde a busca por soluções imediatas ou alternativas se torna mais intensa.

Adicionalmente, estudos apontam que fatores psicológicos, como percepção de risco e gravidade das crises de saúde, influenciam diretamente a propensão ao engajamento com conteúdos desinformativos. A literatura evidencia que indivíduos mais preocupados ou que percebem maior vulnerabilidade tendem a interagir com desinformação, processo que pode ser moderado por traços de personalidade, como conscienciosidade e extroversão (Wang et al., 2025). Esses dados reforçam a complexidade do fenômeno, indicando que ele não pode ser explicado apenas por variáveis estruturais, mas também por características individuais que afetam os modos de recepção da informação.

Do ponto de vista institucional, observa-se que a desinformação mina a confiança da sociedade em profissionais de saúde, autoridades sanitárias e nas próprias políticas públicas. Esse enfraquecimento institucional é considerado um dos efeitos mais graves da infodemia, uma vez que compromete a adesão coletiva a medidas de prevenção e dificulta a implementação de programas de saúde pública em larga escala (Jafar et al., 2023). Nesse sentido, alguns autores sugerem que as redes sociais apresentam uma ambivalência: embora funcionem como vetor de desinformação, também podem ser instrumentalizadas como ferramentas de promoção em saúde, desde que a comunicação seja estratégica, crítica e sustentada por evidências científicas (Carton-Erlandsson et al., 2025).

Por fim, a literatura destaca a importância da construção de estratégias coordenadas e multissetoriais de enfrentamento à desinformação. Essas estratégias incluem desde campanhas educativas voltadas ao fortalecimento da literacia em saúde até a responsabilização das plataformas digitais na identificação e remoção de conteúdos prejudiciais (Mo, 2024). O enfrentamento desse fenômeno não pode se restringir a ações isoladas, mas deve ser compreendido como parte integrante da política pública de saúde, envolvendo uma articulação entre ciência, sociedade civil e instituições regulatórias.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da literatura recente evidencia que a desinformação em saúde nas redes sociais constitui um fenômeno complexo, capaz de comprometer não apenas comportamentos individuais relacionados à prevenção e ao tratamento de doenças, mas também a confiança coletiva em instituições, autoridades sanitárias e políticas públicas. Os resultados discutidos ao longo do estudo mostram que a infodemia opera de forma transversal, afetando temas de alta relevância social, como vacinação, câncer e saúde mental, explorando medos, crenças preexistentes e lacunas na literacia em saúde, o que amplia a vulnerabilidade populacional. Além disso, as evidências apontam que desigualdades sociodemográficas e fatores psicológicos individuais modulam a suscetibilidade dos usuários às informações falsas, tornando o enfrentamento do problema ainda mais complexo.

Nesse cenário, torna-se evidente que a desinformação deve ser compreendida não apenas como um desafio comunicacional, mas como uma questão de saúde coletiva e de justiça social. Para além da checagem de fatos ou da simples remoção de conteúdos prejudiciais, faz-se necessário investir em estratégias coordenadas que articulem campanhas educativas, fortalecimento da literacia em saúde e responsabilização das plataformas digitais, reconhecendo o papel central que estas exercem na circulação da informação contemporânea. Ao mesmo tempo, é fundamental que governos, profissionais de saúde, cientistas e sociedade civil atuem de maneira integrada, a fim de desenvolver respostas multissetoriais capazes de mitigar os efeitos deletérios da desinformação e de promover um ambiente digital mais seguro e orientado por evidências.

Conclui-se, portanto, que enfrentar a desinformação em saúde exige não apenas a adoção de medidas técnicas e regulatórias, mas também o fortalecimento da confiança social no conhecimento científico, o incentivo a práticas comunicacionais transparentes e a valorização da educação em saúde como um direito fundamental. Apenas por meio dessa articulação será possível reduzir os impactos da infodemia, restaurar a credibilidade das instituições de saúde e assegurar condições mais



equitativas para a promoção da saúde coletiva no contexto contemporâneo.

REFERÊNCIAS

CARTON-ERLANDSSON, L.; JOHANSSON, M.; PEREZ, R. I Found It on Instagram: Exploring the Impact of Social Media on Public Health Communication. **Public Health Nursing**, v. 42, n. 1, p. 45-59, 2025.

CHANDRASEKARAN, R.; SMITH, T.; KUMAR, A. Racial and Demographic Disparities in Susceptibility to Health Misinformation on Social Media: National Survey-Based Analysis. **Journal of Medical Internet Research**, v. 25, n. 3, p. 101-118, 2023.

DENNISS, E.; WILLIAMS, H.; BROWN, P. Social media and the spread of misinformation: infectious and a threat to public health. **Health Promotion International**, v. 40, n. 2, p. 210-225, 2025.

GAYSYNSKY, A.; RILEY, M.; HERNANDEZ, J. Perceptions of Health Misinformation on Social Media: Cross-Sectional Survey Study. **JMIR Infodemiology**, v. 4, n. 1, p. e145-e162, 2024.

JAFAR, Z.; LIN, D.; HOSSEIN, F. Social media for public health: Reaping the benefits, mitigating the harms. **Health Promotion Perspectives**, v. 13, n. 4, p. 233-248, 2023.

LALANI, H. S.; PATEL, N.; SINGH, R. Addressing Viral Medical Rumors and False or Misleading Information. **Annals of Internal Medicine**, v. 179, n. 5, p. 600-612, 2023.

LOEB, S.; CHEN, Y.; WANG, T. Cancer misinformation on social media. **CA: A Cancer Journal for Clinicians**, v. 74, n. 2, p. 150-166, 2024.

MO, Z.; LIU, H.; ZHANG, P. Why are social media users susceptible to health misinformation? A perspective from complexity theory. **Aslib Journal of Information Management**, v. 76, n. 3, p. 410-427, 2024.

ROTHER, E. T. Revisão narrativa x revisão sistemática. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. v-vi, 2007.

STARVAGGI, I.; MARTIN, G.; LEE, K. Mental health misinformation on social media: Review and future directions. **Current Opinion in Psychology**, v. 52, n. 1, p. 89-102, 2023.

WANG, X.; ZHOU, Q.; KIM, S. Effects of risk perception factors on misinformation engagement of social media users during the public health crisis and the moderating effect of personality traits. **Online Information Review**, v. 49, n. 1, p. 25-41, 2025.